



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

UEA | A maior universidade multicampi do Brasil

OS DISCURSOS E ELEMENTOS FANTÁSTICOS NA LENDA AMAZÔNICA DO CURUPIRA ATRAVÉS DO OLHAR GREIMASIANO.

Kerolayne Pacaio Mota¹
Manoel Domingos de Castro Oliveira²

RESUMO:

A presente pesquisa que tem como título “Os Discursos e Elementos Fantásticos da Lenda Amazônica do Curupira Através do Olhar Greimasiano”, é um estudo que analisa o percurso gerativo dos sentidos na narrativa da lenda amazônica. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as estruturas discursivas da lenda e seus elementos fantásticos ou insólitos na perspectiva da semiótica francesa greimasiana considerando a cultura, oralidade e tradição regional. A metodologia foi fundamentada em pesquisa bibliográfica, o método utilizado na pesquisa foi o indutivo, com uma abordagem qualitativa. Os teóricos que embasaram essa pesquisa de análise discursiva da narrativa foram: Lakatos e Marconi (2013), que tratam sobre a definição da pesquisa bibliográfica; Todorov (1980), que ressalta a importância dos elementos fantásticos ou insólitos, em relação ao tempo, da incerteza e da ambiguidade; Almeida (2004) de onde retirada à lenda; Fiorin (2011) e Barros (2011) que discorre sobre o percurso gerativo de sentido do discurso. Como resultado da pesquisa, obtivemos a compreensão sobre os estudos semiológicos, fantásticos e discursivos encontrados na lenda amazônica do Curupira.

PALAVRAS-CHAVE: Elementos fantásticos. Lenda amazônica. Discurso. Semiótica greimasiana.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciaturas em Letras, 8º período- noturno da Universidade do Estado do Amazonas- CEST/UEA, E-mail: Kerolayne_mota@hotmail.com

² Docente de Letras na Instituição do CEST/UEA, Mestre em Ciências da Cultura-UTAD, doutorando em estudos Literários e Semióticos- UTAD/PORTUGAL, E-mail: mdomingos13@gmail.com

ABSTRACT

To present he/she researches that has as title "The Speeches and Fantastic Elements of the Amazonian Legend of Curupira through the glance Greimasiano", it is a study that analyzes the generative course of the senses in the narrative of the Amazonian legend. The general objective of this research is to analyze the discursive structures of the legend and their elements fantastic or unusual in the perspective of the semiotics French greimasiana considering the culture, orality and regional tradition. The methodology was based in bibliographical research, the method used in the research was the inductive, with a qualitative approach. The theoretical ones that you/they based that research of discursive analysis of the narrative were: Lakatos and Marconi (2013), that you/they treat about the definition of the bibliographical research; Todorov (1980), that it emphasizes the importance of the elements fantastic or unusual, in relation to the time, of the uncertainty and of the ambiguity; Almeida (2004) from where removed to the legend; Fiorin (2011) and Barros (2011) that discourses on the generative course of sense of the speech. As a result of the research, we obtained the understanding on the studies semiological, fantastic and discursive found in the Amazonian legend of Curupira.

KEYWORDS: *Fantastic elements. Amazonian legend. Speech. Semiotics greimasiana.*

INTRODUÇÃO

Este estudo sobre a lenda amazônica do Curupira se enquadra e discorre em uma análise na perspectiva de se saber quais os elementos do discurso, compreendendo como se dá o percurso gerativo de sentidos na narrativa através de suas características fantásticas na literatura amazônica.

Sempre que se estuda e vivencia a literatura, nos deparamos com vários fenômenos literários, principalmente aspectos culturais de uma determinada realidade, mesmo artística, pois a criação literária e os fatos criados são frutos da imaginação da mente dos autores que acentuam esse feito que podem ser estudados sob a luz do discurso.

As lendas Amazônicas são narrativas de cunho popular, produto inconsciente da imaginação do ser humano, elas são fartas de fenômenos linguísticos, como os elementos insólitos presentes na lenda do Curupira, esses elementos estão presentes nos diversos discursos literários, em especial, nesse subgênero.

Em vista essa problemática traçou-se como objetivos: Geral: Analisar a estrutura discursiva da lenda e seus elementos fantásticos ou insólitos na perspectiva da semiótica francesa considerando a cultura, a oralidade e a tradição regional.

Específicos: Estudar as teorias sobre a narrativa fantástica e sobre a semiótica francesa; identificar os elementos estruturais da lenda e o discurso narrativo na perspectiva do percurso gerativo de sentidos (semióticos); analisar os elementos fantásticos e sua importância na narrativa e que função ele tem nos textos na perspectiva semiológica; discorrer a importância da lenda amazônica do Curupira como narrativas tradicionais e valores educativos, culturais da oralidade.

Nortearam esta pesquisa as seguintes questões: Quais as teorias discursivas que estudam um texto? Quais as características e a estrutura das narrativas fantásticas e a importância dos elementos fantásticos no discurso literário na perspectiva semiológica? Como identificar os elementos fantásticos presente na lenda do Curupira a partir do discurso? Qual a relevância do subgênero lenda para a educação e para a cultura da região considerando a oralidade, o ambiente e os costumes tradicionais?

O resultado da pesquisa foi positivo e interessante, compreendeu-se que estudar os elementos do discurso literário na ótica da análise do discurso, nos permite ter mais clareza da linguagem e da ideologia que está implícita nos textos.

Para Todorov (1980) e Furtado (1980) são esses elementos fantásticos que através do discurso e a permanência da ambiguidade da disjunção e conjunção presente nesses elementos

e personagens nas narrativas, que nunca evidenciam uma decisão plena entre o que é apresentado como resultante das leis da natureza e o que surge em contradição frontal com elas, que aguça a curiosidade do leitor e o prende ao texto. Levando em consideração essa afirmação qual a estrutura discursiva da lenda e qual a relevância dos elementos insólitos encontrados nos contos?

A pesquisa justificou-se pelo fato da narrativa fantástica escrita ou oral fazer parte do contexto cultural amazônico. Como sabemos a literatura é algo encantador, pois esses textos são dotados de elementos insólitos e figuras de linguagem que os tornam diferentes dos demais.

O artigo está estruturado em alguns tópicos para melhor delinear a compreensão da leitura: introdução, definições de literatura e cultura, análises e discussões e as considerações finais.

1. QUADRO TEÓRICO

1.1 LITERATURA E CULTURA

Mistérios aparecem em muitas literaturas mundo afora e fazem parte do contexto cultural dos povos, são narrativas que versam sobre todas as categorias e temas variados. A literatura é algo fascinante, a pluralidade de sentidos e significados que podemos encontrar num poema, prosa ou lenda como a que fora estudada são amplas e diversificadas, a literatura permite essa interação do leitor com os textos. Para Terry Eagleton (2006, p.13);

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede

Sabemos que muitas são as tentativas de definir ao certo o que se enquadra como literatura, como alude o autor no fragmento acima algumas pessoas a definem como uma produção advinda do imaginário, algo inverossímil, totalmente ficcional, mas que, se pararmos para refletir o que realmente se enquadra como texto literário, iremos perceber que a literatura vai muito além dos textos ficcionais, mais adiante em sua obra Teoria da Literatura: Uma introdução” o escritor Eagleton (2006, p.15), diz que “Talvez a Literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque emprega a linguagem de forma peculiar”.

Mas adiante em seu livro o autor ressalta essa peculiaridade na linguagem literária.

A literatura, impondo-nos uma consciência dramática da linguagem, renova essas reações habituais, tornando os objetos mais "perceptíveis". Por ter de lutar com a linguagem de forma mais trabalhosa, mais autoconsciente do que o usual, o mundo que essa linguagem encerra é renovado de forma intensa (EAGLETON, 2006, p.17 e 18).

Os textos literários se diferenciam dos demais textos pela linguagem subjetiva, plurissignificativa que de forma conotativa, se diferencia da linguagem que utilizamos no nosso dia a dia, cheia de metáforas e especificidade, a literatura além de levar ao leitor um objeto linguístico, leva um objeto estético, que ocorre através da utilização das figuras de linguagem, musicalidade e as rimas no caso dos poemas.

Na tipologia textual, o texto narrativo existe desde os tempos remotos e em duas performances, pois além da narrativa escrita, existe a narrativa oral que foi e ainda é muito utilizada para relatar algo que nos aconteceu, nosso cotidiano é cheio de acontecimentos marcantes e significativos que precisam ser lembrados e relatados, a narração envolve elementos, personagens e fatos comuns ou incomuns que ocorreram no passado ou no presente.

A cultura amazônica é uma realidade e uma convivência, pois faz parte da vida diária dos amazonenses. Todos os feitos vividos estão na característica da cultura, o homem produz a cultura e a lenda como resultado de modos de encarar um mundo vivido, dá corpo ao mundo cultural do amazonense e de qualquer lugar do mundo. Conhecimento é cultura.

Nessa perspectiva, para Oliveira (2016, p.19):

A cultura destaca-se em seu sentido porque marca o lugar, expressa sentimentos e denota, no grupo social, o conjunto dos padrões, do comportamento das crenças, das instituições e valores espirituais e materiais, transmitido coletivamente, de geração a geração, características de uma sociedade como as lendas, os costumes, a origem da população, ritos e religiosidade.

De fato, na fala do autor, as lendas são saberes culturais e são produtos da vivência e da cultura de uma região. Lendas, usos, costumes e hábitos estão na ordem da vida de um povo, são tradições que precisam ser valorizadas, e cultivadas para continuarem fazendo parte da identidade cultural do povo amazônico, fazendo perdurar a tradição oral e escrita das narrativas.

As lendas amazônicas se enquadram no gênero textual narrativa, e é classificada por alguns autores como subgênero do gênero conto, por se tratar de histórias oralizadas e escritas que são advindas do imaginário popular amazonense, elas são tradicionalmente conhecidas e contadas de geração em geração em nossa região, por fazer parte dessa tradição optou-se analisar os elementos discursivos e fantásticos encontrados na lenda do Curupira.

1.2 O CAMINHO DAS LENDAS E SUAS PERFORMANCES

A lenda analisada foi retirada do Livro “Os mistérios da Amazônia. Em documentário”, do autor José de Almeida (2004) que narra várias histórias, lendas, expressões de linguagem, costumes, fauna e flora da região amazônica, na busca de difundir os costumes e a cultura de uma região pouco valorizada, já que é abundante em cultura, valores e tradições, sendo assim esta pesquisa visou ressaltar essa riqueza de saberes.

As lendas amazônicas são narrativas cheias de elementos fantásticos e insólitos, disjunção e conjunção nos discursos do seu texto por isso, foi analisado esse subgênero do conto, que se faz tão presente na cultura e na literatura oral amazônica, esses elementos fantásticos deixam o conto maravilhoso e misterioso de uma forma que aguça a curiosidade do leitor e o prende ao texto, como se mostra a seguir.

1.2.1 A lenda do curupira – resumo:

A lenda sobre o curupira tem várias situações interessantes. Nela é narrada a história de um macaquinho que era um dos poucos animais obedientes e atenciosos, ao deus Tupã que deu nome e peculiaridade a cada espécie de animal. O macaquinho brincalhão e inquieto tinha um grande amor pela fauna e a flora, mas ficava enfurecido quando algum animal fazia estrago nas árvores ou maltratava outro bicho. Tupã observando que ele era um ser vingativo e irresponsável, ao punir os animais que maltratavam a floresta, não pode lhe conferir a dignidade ou honradez compatível com sua virtude por zelar das coisas da natureza. Além de Tupã, alguém mais observava as atitudes más do pequeno macaco, o Diabo Anang, enciumado resolveu sumir com o animal e levá-lo para um estágio no inferno, como está explícito neste fragmento.

Um dia, o macaquinho sumiu. Dizem que Anang, o Diabo, enciumado, levou-o para um estágio no inferno. Deformou-lhe o corpo. Cortou o seu rabo, dando-lhe a figura de um pequeno homem com cabelos vermelhos, peludo por todo o corpo, com os pés virados para trás e anus na frente (ALMEIDA, 2004, p. 95).

Esse ser sobrenatural e horrível em foi transformado o pequeno macaco, vive nas florestas amazônicas, com poderes duplos, continua zelando pelo bem estar da flora e da fauna e colocando em prática toda a perversidade que aprendeu com o diabo em seu estágio no inferno, mas além de punir os animais que faziam mal a natureza, sua forma atual e poderes lhe permitia também punir todo o homem que tentava caçar ou desmatar. Curupira ludibriava, amedrontava e fazia malandragens através de sons e ilusões que ele criara para manter longe aqueles que faziam mal a flora e a fauna que tanto ama, por alguns Curupira é

visto como um ser bem, pois protege a natureza, e por outros é visto com um ser do mal, devido à crueldade e artimanhas que faz com os caçadores que ele encontra tentando matar algum animal ou maltratando as árvores, algumas pessoas têm medo até de chama-lo pelo nome “Curupira”, para não o atrai-lo o chamam de “mãe do mato”, até hoje ele não se decidiu a quem servir.

1.3 OS ELEMENTOS FANTÁSTICOS EM LENDAS

Segundo o dicionário Barsa (2000), “insólito” significa o que não é habitual; incomum; extraordinário. Os elementos insólitos ou fantásticos se fazem muito presente nas lendas, por se tratar de estórias ou fatos incomuns ocorridos, o que torna o texto mais atrativo para o leitor. De acordo com Todorov (1980) “O conceito de fantástico se define, pois com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção” (p.23). Esses elementos tornam o texto mais instigante devido à incerteza dos fatos serem reais ou imaginários, ninguém pode afirmar ou não a veracidade da lenda do Curupira, ou se o personagem é um ser do bem ou do mal, tanto há pessoas que acreditam que ele é bom, quanto as que não acreditam. As ambiguidades presentes no discurso das lendas amazônicas as tornam narrativas misteriosas e maravilhosas, a ambiguidade é um elemento necessário no discurso do conto maravilhoso.

A ambiguidade resultante desta presença simultânea de elementos reciprocamente exclusivos nunca pode ser desfeita até o termo da intriga, pois, se tal vem a acontecer, o discurso fugirá ao gênero mesmo que a narração use de todos os artifícios para nele a conservar. [...] É, portanto, a criação e, sobretudo, a permanência da ambiguidade ao longo da narrativa que principalmente distingue o fantástico dos dois gêneros que lhe são contíguos [...] Assim, um texto só se inclui no fantástico quando, para além de fazer surgir a ambiguidade, a mantém ao longo da intriga, comunicando-a às suas estruturas e levando-a a refletir-se em todos os planos do discurso (FURTADO, 1980, p.36 e p.40).

Conforme o autor, essa permanência da ambiguidade na narrativa a torna uma narrativa fantástica, um elemento indispensável e característica marcante do antagonismo, em alguns momentos o leitor não consegue distinguir no personagem, por exemplo, se ele é um personagem bom devido algumas atitudes ou se ele é mal, esses elementos devem persistir do começo ao desfecho da narrativa, o conto classifica-se como maravilhoso quando a semente da dúvida ronda o leitor até o final da leitura, no caso da lenda em análise não se sabe até hoje, essa entidade mítica personagem da lenda e cultura amazonense existe ou não, se é servidor do bem ou do mal.

1.2 ELEMENTOS DO DISCURSO GERATIVO DE SENTIDOS: NÍVEL FUNDAMENTAL E NARRATIVO

A semântica é definida como o estudo do significado ou teoria da significação. Greimas citado por Fiorin (2011) considera que a semântica pode ser gerativa, sintagmática ou geral, neste caso a pesquisa realizada foi norteadada pela investigação da semântica gerativa com a finalidade de melhorar a capacidade de o leitor interpretar textos com um novo olhar.

a) gerativa, ou seja, deve estabelecer modelos que apreendam os níveis de invariância crescente do sentido de tal forma que se perceba que diferentes elementos do nível de superfície podem significar a mesma coisa num nível mais profundo (por exemplo, a aprovação no vestibular e a arca da aliança, no filme “Os caçadores da arca perdida”, significam a mesma coisa num nível mais profundo, poder fazer no primeiro caso, poder fazer um curso superior; no segundo, poder vencer os inimigos); (FIORIN, 2011, p.16)

Através desse olhar semântico, analisou-se a lenda do Curupira, sob a forma do percurso gerativo de sentido do discurso, fundamentada nessa teoria Greimasiana de investigação, que divide o percurso em três níveis, o fundamental; o narrativo e o discursivo, dois desses sentidos foram encontrados e analisados nas lendas, o nível fundamental e o narrativo.

A análise do discurso é uma ciência recente que consiste na análise da estrutura discursiva de um texto para compreender as construções e elementos que compõe esse discurso, ele é uma construção linguística e se desenvolve no nosso contexto social.

O discurso é uma situação de fala, quando alguém narra ou conta uma história, está fazendo o uso do discurso, qualquer manifestação oral ou escrita. Para Charaudeau e Mangueneau (2008), “discurso é uma unidade linguística constituída por uma sucessão de frases” (p.168). Pode-se compreender que o ato discursivo é necessário e fundamental, está presente no ato cotidiano do ser humano de se comunicar, narrar fatos marcantes ou no simples fato de você compartilhar com alguém como foi seu dia, você já está praticando um discurso.

Para Fiorin (2011, p.10);

O texto pode ser abordado de dois pontos de vista complementares. De um lado, podem-se analisar os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido; de outro, pode-se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Conforme alude o autor, os textos podem ser analisados em duas vertentes de forma gramatical que é a maneira mais utilizada nas escolas e semântica, o enunciado pode ser analisado através do percurso gerativo de sentidos, e o discurso pode ser analisado como um elemento cultural, constituído de relações com a história, com outros textos e enunciados. Percebe-se que a semiótica e análise do discurso partem sempre do estudo do texto.

Barros (2011, p. 07), refere que “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. De fato, é uma recondução ao entendimento e compreensão do texto e seus vários elementos discursivos.

Nessa concepção e para se delinear o estudo discursivo, é necessário entender como funcionam os elementos do percurso gerativo de sentido, no nível fundamental e nível narrativo.

1.2.1 Nível Fundamental

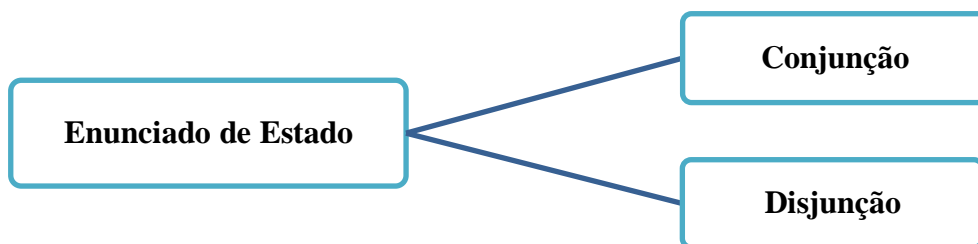
Para Fiorin (2011) “A semântica do nível fundamental abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto. [...] Uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição” (p. 21).

O nível fundamental trata-se de uma análise superficial, abstrata do discurso e fundamentada em uma diferença, uma oposição, por exemplo, o bem em oposição ao mal como vemos na maioria das histórias. O autor diz que sempre ocorre uma contradição de ideia. Na análise do discurso a ideia abstrata de sentido positivo é **eufórica** e a de sentido negativo é **disfórica**.

1.2.2 Nível narrativo

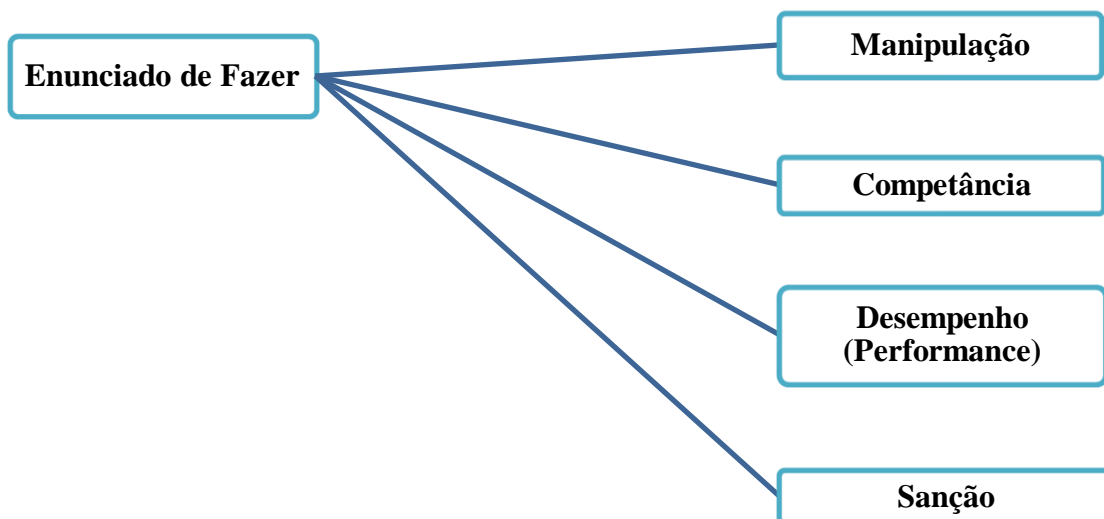
O nível narrativo trata da investigação da narrativa, nela há dois tipos de enunciados elementares, o enunciado estado em que alguém está em junções (com/conjunção ou sem/disjunção) e de fazer em que ocorre a transformação, a mudança do personagem, neste enunciado no discurso pode ser encontrado a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

- **Enunciado de estado** - Nesse enunciado o sujeito está em relação direta com o objeto. Assim, ocorrem as “junções” (estar com ou estar sem). Por exemplo: alguém que se perde na mata, está em disjunção com o destino. “O enunciado de estado: são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto [...]” (FIORIN, 2011, p.28).

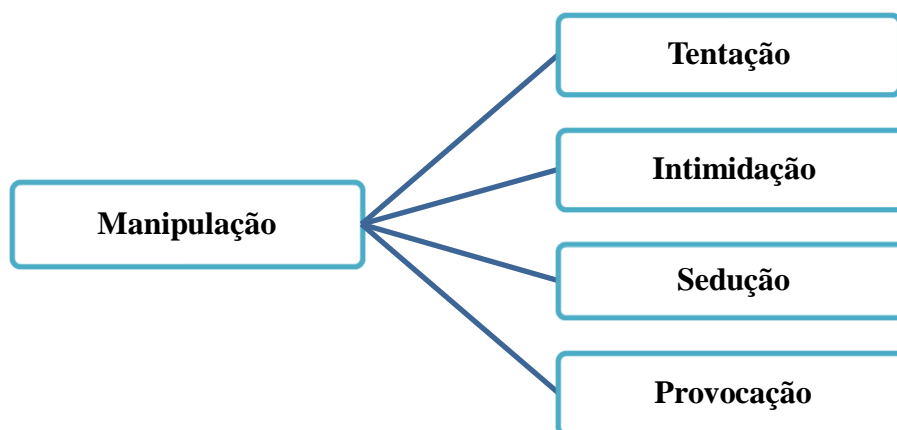


- **Enunciado de fazer** – “Enunciado de fazer: são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro [...]” (FIORIN, 2011, p.28). Por exemplo, no enunciado: O curupira adquiriu poderes duplos, o personagem sofreu uma transformação e passou a ter dois poderes.

Conforme o autor descreve os enunciados de fazer são as transformações que o sujeito sofre ou pratica, a primeira fase desse enunciado é a manipulação o sujeito age sobre uma pessoa para induzi-la a querer fazer alguma coisa; no enunciado de competência o sujeito é dotado de poder ou saber; na performance acontece com o sujeito a mudança de um estado para o outro, mudança de aparência ou caráter e no enunciado sanção, o sujeito determina ao objeto ou a pessoa qual será seu desfecho, a sanção pode ocorrer em forma de recompensas ou castigos



Dentro do estado de manipulação podemos encontrar quatro tipos de manipulação, o enunciado de tentação (Ex.: Se você fizer o que estou lhe pedindo vai ser recompensado), intimidação (Ex.: Se você não me obedecer, não vai poder sair), sedução (Ex.: Você é capaz de fazer o que estou pedindo) e provocação (Ex.: Sei que você não é capaz de fazer o que estou lhe pedindo). Essas transformações discursivas vão além da análise de interpretação textual, foram analisados na lenda as transformações do caráter do personagem.



Toda essa descrição é reiterada por Barros (2011) que afirma sobre o nível fundamental como “a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata [...] nele surge a significação como uma oposição semântica mínima”, e o nível narrativo tem “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos”. Barros (2011) vem reafirmar as teorias de Fiorin sobre o percurso gerativo de sentido, que vão dos níveis mais simples e abstrato para o mais complexo, em qualquer texto pode ser analisado o percurso do discurso, deste modo analisou-se como ocorrem esses níveis nas estruturas da lenda amazônica do Curupira.

2 METODOLOGIA

Método é um caminho a se percorrer para pesquisar. Conforme o que estabelece os critérios de avaliação dentro dos cursos superiores, a pesquisa é um instrumento legal que possibilita ao acadêmico confrontar o conhecimento adquirido ao longo do curso e a prática fora da sala de aula.

O método utilizado na pesquisa foi o indutivo, pois começamos a investigação a partir de estruturas menores até às mais complexas, ou seja, os elementos fantásticos que chamam atenção nas lendas e os elementos discursivos da enunciação. Para o

desenvolvimento da pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, a fim de se compreender o que são esses fenômenos. A pesquisa foi bibliográfica, com leituras e análises do texto, pois se desvelou os significados dos fenômenos identificados nas análises.

Segundo Marconi e Lakatos (2013, p.166) a pesquisa bibliográfica, “trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e impressa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito”.

Essa pesquisa requer muita atenção e dedicação do pesquisador, as leituras de livros, artigos, revistas e entre outras são o que fundamentam estas análises, e coloca o pesquisador em contato direto com teses e ideias que vão estruturar sua pesquisa.

O método de abordagem utilizado foi o fenomenológico-hermenêutico, pelas verificações e análises dos fenômenos discursivos e seus percursos de sentidos. Os dados foram analisados a partir das leituras e descrições do material e objetos em estudo.

A leitura é uma atividade que solicita a intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto por pressupor a intenção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor complete, por meio de uma série de contribuições (KOCH, 2002, p.35).

Nas lendas amazônicas não é diferente, a participação do leitor com a narrativa é indispensável, as lendas fazem parte da literatura Amazônica e são classificadas como um subgênero narrativo do conto, um conto regional, ambiental, pois se trata de estórias narradas sobre seres ou coisas insólitas, referentes à cultura da região, advindas da imaginação de seus autores.

3 DISCUSSÕES E RESULTADOS

3.1 A LENDA DO CURUPIRA – ANÁLISE NO NÍVEL FUNDAMENTAL

Percebe-se que o nível fundamental ocorre na lenda, quando na narrativa encontramos através de uma análise superficial, abstrata, uma diferença, uma oposição. Para isso é preciso que essa oposição encontrada tenha um elo, algo em comum, que um seja o oposto do outro.

Com relação à lenda há uma oposição entre o bem versus o mal. O bem é uma ação positiva, que na análise do discurso neste nível é denominada “euforia”, isto é, o personagem Curupira, ligado ao deus Tupã, é um protetor da selva, faz ações boas em prol à preservação da natureza. Suas ações más, como praticar as punições com os caçadores que entram na floresta, é algo negativo, classificado como “disforia”. Isso demonstra, na análise do discurso,

que é possível também entender que, ao maltratar das pessoas, enganá-las, ludibriá-las faz com que o personagem entre em oposição com suas atitudes boas.

Na lenda do Curupira é evidente essa ambiguidade no caráter do personagem ora ele tem uma atitude boa, ora ele tem uma atitude ruim. Esse personagem não se decidia ao qual senhor servia ao deus Tupã ou ao diabo Anang, o que, na narrativa, gera mais dúvida para população e para o leitor ouve ou lê essa lenda, ninguém sabe dizer ao certo se ele é um cuidador da floresta ou se é apenas um ser malvado que sente prazer em punir os caçadores que adentram a floresta, como está explícito neste fragmento de Almeida (2004, p.96):

Até hoje não se decidiu se fica somente como discípulo do pai tupã, ou se transfere definitivamente para o satânico império de Anang, o Diabo. Até nisso o caboclo confunde-se, pois não sabe julgar, se curupira é bom ou é mau, ou então as duas coisas.

Nesse caso o bem/ versus/ mal, a bondade que Curupira pratica em proteger, os animais que na floresta habitam, inclusive seu cuidado com as fêmeas prenhas e com as árvores, mantendo-as seguras dos caçadores, lenhadores, índios ou qualquer um que tenta acabar elas, é uma ação “eufórica”. Nesse caso, está em oposição as malandragens e maldades que ele faz com esses caçadores que encontram desmatando ou matando algum animal de suas florestas que é uma ação “disfórica”.

Como afirma Fiorin (2011) em sua tese, euforia é tudo aquilo de positivo que o sujeito realiza e que vai sempre estar em oposição a toda maldade que ele também pode praticar. Curupira sempre teve consigo esse extinto protetor, o deus Tupã observava e admirava essa boa atitude que o macaquinho tinha, era um dos poucos bichos obedientes a ele na floresta, além de ver as brincadeiras e todo cuidado que o macaco tinha com a floresta, o deus Tupã também notou que ele ficava irado, enfurecido quando via um bicho fazendo mal a uma árvore ou a outro animal.

Espiando que esse macaquinho era irresponsável e vingativo quando alguém maltratava aquilo que ele protegia, o diabo Anang, que também pode ser analisado como um ser que está em oposição ao deus Tupã antagonicamente, resolveu sumir com o macaquinho e o transformar num ser de aparência assustadora e ensiná-lo tudo que é de ruim, denominou de Curupira o ser em que transformara o macaco, no reino do mal ele passou muito tempo aprendendo tudo que era negativo, como enganar, confundir e aterrorizar as pessoas. Assim esse ser mítico passou a ter duplos poderes do bem e a realizar coisas boas/positivas (euforia) e poderes do mal/negativo (disforia), aterrorizando e fazendo artimanhas com os caçadores que resolviam adentrar em suas florestas, pode-se dizer que esse ser mítico possui poderes eufóricos e disfóricos.

Essa ambiguidade encontrada no personagem é classificada por Todorov (1980) e Furtado (1980) como elemento fundamental, para que a lenda seja classificada como um conto maravilhoso, rica em elementos insólitos como o próprio personagem central da narrativa o Curupira, um ser de forma irreal que vive na floresta amazônica, usufruindo de seus poderes duplos de cuidar da floresta e castigar que tenta maltratá-la, uma entidade incomum que faz parte da cultura literária do povo amazonense.

3.2 LENDA DO CURUPIRA – ANÁLISE DO NÍVEL NARRATIVO

No segundo nível analisado, o narrativo, foram identificados na lenda do Curupira diversos pontos dos elementos que compõe o ato da enunciação. No processo de enunciados, a análise do discurso compreendeu-se em dois tipos: o enunciado de estado e de fazer.

Na lenda, o enunciado de estado, isto é, de junções (estar com e estar sem), temos o seguinte: quando o curupira protege as florestas esta em um estado de conjunção com o deus Tupã, e ao deixar de praticar maldade nestes atos fica em disjunção ao diabo Anang, ou vise – versa.

Quando o personagem pratica o Bem	Quando o personagem pratica o mal
Está em conjunção com a bondade e com o deus Tupã.	Está em conjunção com o diabo Anang e toda maldade.
Está em disjunção com a maldade e com diabo Anang.	Está em disjunção com a bondade e com deus Tupã.

O outro enunciado, o de fazer, concentra as mudanças do personagem: manipulação, competência, desempenho e sanção.

A **manipulação**, na lenda dá-se quando o sujeito age sobre uma pessoa para levá-la a querer ou dever fazer alguma coisa, na narrativa acontece a ato de manipular quando o Curupira usa de suas magias para ludibriar o caçador, atraindo-o para sua vingança. Como está explícito neste fragmento de Almeida (2004, p.96) “Assim sendo, adquiriu lê o poder de manobrar e dirigir uma caça mágica, que nunca pode ser alcançada. Com ela atrai o caçador inconsciente, confundindo-o, até exausto e morto, nos confins da floresta”.

Quando alguém desmata a sua amada floresta ou maltrata os animais, o personagem se enfurece e inicia suas maldades atrai o caçador com uma caça mágica, que não pode ser alcançada, muitas vezes exausto o homem chega a se perder na mata ou até mesmo morrer de tanta exaustão.

Provocação – Essa situação se dá quando algumas vezes curupira deixa o caçador alcançar essa caça mágica, mas o tihoso provocava o caçador, ao flechar a caça, e ao se aproximar dela o homem via na face da presa o rosto de um amigo, filho ou da própria mulher, ao reconhecer alguém amado por ele, ficava aterrorizado com a imagem de um ente querido morto, por isso, Curupira se divertia provocando ruídos soturnos na floresta que aterrorizavam o povo. Está em consonância com a teoria de Almeida (2004, p.96):

Algumas vezes, deixa que o caçador alcance a caça com relativa facilidade. A flecha parte certa. O índio ao se aproximar para recolher a presa abatida, reconhece horrorizado, o corpo de um amigo, companheiro, filho ou da própria mulher. Curupira passou a se divertir, provocando ruídos soturnos na floresta. Imita árvores caindo, a batida do pica-pau no tronco das árvores e os sons da Sapupema. Com isso, amedronta os habitantes da selva.

Esse enunciado como vimos anteriormente nas definições Fiorin (2011), classifica-se como um dos quatro tipos de manipulações existentes no discurso, a enunciação provocativa no ato do personagem gera nos caçadores, no sujeito, um sentimento de pavor e medo, que os estimula a desistirem da prática da caça.

Além disso, esse fragmento comprova a existência do elemento fantástico através da análise discursiva da narrativa, esse caça mágica, em conformidade com Todorov (1980), pode ser classificada como um elemento insólito presente no texto, pois é algo extraordinário e incomum que foge da habitualidade em relação ao real.

Sedução – Essa transformação, ocorre quando um sujeito tenta manipular por meio de possibilidades e favores. Como está explícito neste fragmento retirado da citação acima: “Algumas vezes, deixa que o caçador alcance a caça com relativa facilidade”.

Tentação – Na lenda se dá quando se percebe que, no reino do mal, o manipulador, o diabo Anang, propõe uma recompensa ao curupira: “adquiriu lê o poder de manobrar e dirigir uma caça mágica, que nunca pode ser alcançada”. (ALMEIDA, 2004, p, 96)

Intimidação - Outro tipo de manipulação encontrada na lenda foi o enunciado de intimidação na narrativa o Curupira intimida suas vítimas com gargalhadas e ruídos ameaçadores, sem saberem de onde vem tanto barulho o povo senti medo de ir a floresta caçar.

Dizem os mais antigos, que não é com o machado que o curupira bate, mas com o calcanhar, outros, pelo contrário afirmam que ele bate com pênis, alias, de tamanho avantajado. Diverte-se, então curupira, com gargalhadas com o ruído diabólico que provoca. O interessante é que ninguém sabe de onde vem tanto barulho, nem a que distância se produz. Pois tudo torna-se invisível, chagando inclusive exprimir nome de vários animais ferozes. Assim, curupira continua, até hoje, presente em todos os rincões da floresta, sempre cavalgando com seu jeito brincalhão e amedrontador. O caboclo teme até chamá-lo pelo nome refere-se a mãe do mato (ALMEIDA, 2004, p. 96).

Intimidando o povo com os ruídos assustadores o personagem mantém distante de sua amada floresta a maioria daqueles que tentam se apoderar das riquezas da fauna flora amazônica, a população teme até chama-lo pelo nome para evitar atrair essa entidade mítica.

A **competência** acontece quando o sujeito central da narrativa realiza uma transformação, o sujeito passa a ser dotado de saber ou poder, evidencia-se essa enunciação de fazer na lenda, quando o personagem adquire poderes duplos.

No reino do mal, curupira passou muito tempo aprendendo com detalhes, tudo o que o diabo sabia em matéria de enganar os outros, de confundir caminhos e de lançar o pânico nos matos. Mais tarde Anang o diabo colocou-o e novo no vale. Curupira não teve coragem de reaparecer diante de Tupã. Tinha ficado com poderes duplos: por um lado vigiava a floresta e os que nela habitavam, prestando um bom serviço a Tupã; por outro continuava fazendo todas as malandragens que aprendeu no inferno (ALMEIDA, 2004, p.95).

Como afirma este fragmento, Curupira passou a ter poderes duplos, que utilizava tanto para o bem quanto para o mal, quando cuidava de seu lar usava suas habilidades dignas de admiração, quando usava seus poderes maléficos deixava em evidencia sua dupla personalidade.

Desempenho ou **performance**, essa fase da enunciação está bastante explícita na lenda, logo no início da narrativa o pequeno macaquinho é transformado em um ser horrendo e assustador.

Como descreve Almeida (2004, p.95), “Fê-lo orelhudo, com dentes azuis, uma só sobrancelha no meio da testa e com mamas debaixo do braço. Deu-lhe o nome de “CURUPIRA”.

Em conformidade com Barros (2011), essa transformação de mudança da forma física ou de caráter do personagem, esta em evidencia neste fragmento descrito pelo narrador, no início da narrativa o personagem tinha a forma de um “macaquinho” como se refere o autor ao animal na lenda, no decorrer da narração desse conto regional é descrita a transformação que ocorre com esse personagem central, em que se encontra na forma atual, uma “entidade”, incomum de aparência amedrontadora.

A **sanção** - O último elemento do percurso gerativo de sentido de discurso é a sanção, esse enunciado é o desfecho das atitudes que o sujeito, o Curupira, realiza durante enunciado de manipulação, quando o personagem atrai o caçador naquela caça mágica que foi explicitada na citação anterior na fase de manipulação. O Curupira determina uma **punição**: se o homem vai apenas receber como castigo a exaustão por tentar capturar uma caça inalcançável ou se sua sentença será a morte, como resultado das atitudes errôneas desse sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que esse trabalho foi de suma importância para o desenvolvimento das relações entre cultura e linguagem. Portanto, comprovou-se através dessa pesquisa a importância do estudo da narrativa fantástica na perspectiva da semiótica francesa, que é a ciência das significações do percurso gerativo dos sentidos do sujeito, do tempo e das ações, além de possibilitar uma discussão cultural sobre a importância da literatura oral na região amazônica.

Pode-se compreender essa relevância das lendas amazônicas para cultura amazonense, de fato, um povo adquire sua identidade, através de sua cultura, a tradição das lendas precisa ser cultivada, para que continue transpassando de geração em geração. Todos se recordam de quando eram pequenos e que seus avós os quais contavam essas estórias, ficavam fascinados por esse mundo das lendas, através das narrativas orais e escritas que compõe a literatura amazônica, por isso ocorreu à escolha da lenda do Curupira para ser analisada.

Na perspectiva da análise do discurso, foi evidenciada que essa nova ciência, veio para aprofundar reflexões da riqueza linguística e semântica que existe nas narrativas em geral, e especificamente nas lendas. O estudo do percurso de sentido e das enunciações oportuniza para o estudioso do discurso, um olhar inovador sobre as análises de um texto, e não só como um conto que pode ser analisado através da interpretação textual, mas vemos o texto com um novo sentido.

Sendo assim, os resultados adquiridos durante as análises discursivas da lenda, foram satisfatório, essa pesquisa, nos permitiu um aprendizado significativo.

Um ponto a ser considerado é que esse tipo de trabalho com olhar semiótico, pode ser feito por professores do Ensino Fundamental para oportunizar novas leituras e entendimentos dos alunos sobre as lendas e a cultura.

A análise foi árdua, pois optamos por explorar uma nova ciência, a qual conhecemos através dos estudos da disciplina de análise do discurso ofertada pelo curso de Letras. Reiteramos a importância dessa análise que permite ao leitor uma nova visão perspectiva semântica do texto. Esta análise pode ser feita com qualquer uma das outras lendas como a do boto, da vitória régia, do Mapinguari ou com qualquer outra tipologia textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, José. **Os mistérios da Amazônia**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- CHARAUDEAU Patrick & MAINGUENEAU Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução da Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução** / Terry Eagleton tradução Waltensir Outra; [revisão da tradução João Azenha Jr]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do discurso**. 15. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos dos textos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas 2013.
- OLIVEIRA, Manoel Domingos de C. **A topofilia e a teoria da percepção em Mia Couto e Élson Farias: (metáforas de) representações do lugar, do espaço e da identidade de Moçambique e Amazonas**. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro – UTAD. Mestrado em Ciências da Cultura. Mimeo, 2016.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1980.